

EDITORIAL

Dossiê: MICHEL FOUCAULT

Sapere aude – V. 7, N. 13, Jan./Jun. 2016

O impacto da obra de Foucault ainda se faz sentir sobre a nossa cultura. Desde a publicação dos livros *História da loucura* e *As palavras e as coisas*, a sociedade contemporânea tem, constantemente, de ajustar as contas com este filósofo que conseguiu unir o rigor das análises profundas com o descortinar de novos objetos para a investigação Filosófica, mostrando que a Filosofia não se reduz a um mero discurso sobre si mesma. Olhando para a história em um tempo que ainda imperavam as análises marxistas, Foucault vê algo que está aquém das próprias infraestruturas materiais sendo, inclusive, condição de possibilidade delas para formar uma teia de significados que escapam do reducionismo positivista. Perscrutando o poder, Foucault não o vê reduzido à imponente figura do Estado e tenta compreender como ele se articula no solo das relações mais cotidianas.

Com a sua variada gama de reflexões, o filósofo francês também atingiu outras áreas do conhecimento e fez com que estas se repensassem. A História, a Psicologia, a Ciência política etc., foram algumas das áreas que não conseguiram ficar imunes às desmontagens que Foucault operou em uma cultura que ainda acreditava em um *logos* que faria a realidade se tornar transparente a si mesma, que apostava ingenuamente, apesar de Nietzsche e Freud, que o próprio eu pode conhecer plenamente a si mesmo. Foucault, ao buscar os próprios pressupostos dos nossos discursos e das nossas práticas, mostrou como as nossas convicções (sejam filosóficas ou não) são produzidas no interior de um jogo em que saber e poder se interpenetram, e a força das existências em si e por si torna-se, no mínimo, problemática.

No conjunto de questionamentos que nos legou o filósofo, vimos diluir a ideia de um sujeito com uma unidade radical que agiria, a partir da sua racionalidade, na história. Identificamos, sim, sujeitos que são uma produção de forças e nos descobrimos como seres sujeitados, produzidos enquanto sujeitos, seja no interior de uma ordem puramente disciplinar, que doma os corpos, seja na lógica de uma biopolítica, em que se inscreve a vida nua.

E Foucault surgiu como um meteoro com o livro *As palavras e as coisas*, cuja publicação está fazendo trinta anos. O sucesso, escândalo e polêmica gerados pela publicação deste livro constitui um dos eventos mais singulares de recepção de um texto filosófico de que se tem notícia. Mas talvez este evento e suas ramificações – que se estenderam por toda a carreira de Michel Foucault – tenham obliterado aspectos importantes e possibilidades de leitura cruciais para o melhor entendimento desta obra tão marcante quanto oblíqua.

Desde os anos sessenta Foucault adotou para si uma espécie de moral pessoal centrada na autotransformação permanente. Ao longo de sua trajetória recusou-se a ser atrelado a *slogans*, tendências e modas; recusou-se até mesmo a confinar-se em suas próprias obras e teses pretéritas. Isso explica a relação do autor com sua obra mais famosa. Foucault foi compelido a se explicar regularmente acerca de *As palavras e as coisas*, mas jamais admitiu se tornar “aquele filósofo autor de *As palavras e as coisas*”. Ao reinterpretar o sentido dessa obra ao longo dos anos, Foucault terminou por vincular seu conteúdo aos novos desdobramentos de suas investigações – ou a se distanciar do livro, tomado meramente como exercício formal.

O efeito dessa atitude de Foucault diante de *As palavras e as coisas* foi a obliteração progressiva de possíveis interpretações desta obra que levantem elementos, teses e perspectivas que foram abandonados no percurso posterior empreendido pelo filósofo francês ao longo dos anos setenta e oitenta do século XX. Elementos que são como uma paisagem submersa cujo resgate interessa não só aos antiquários e especialistas, mas a todos aqueles que se deixam capturar pelas tramas do pensamento foucaultiano.

O texto *As palavras e as coisas* pode ser entendido de forma retrospectiva como ápice de uma tendência perceptível desde os primeiros textos de Foucault publicados no início dos anos cinquenta. Trata-se da crítica ampla à racionalidade moderna; crítica esta alicerçada em uma perspectiva que se pode nomear como civilizatória. O primeiro momento alto desse escopo crítico assumido por Foucault se apresenta na *História da loucura*, de 1961, livro que de certa forma prepara o caminho e indica muitas das questões que serão tematizadas em *As palavras e as coisas*. Aquele primeiro momento é um apanhado persistente das modalidades de captura da loucura enquanto aquilo que é estranho e inquietante para a racionalidade: podemos dizer que a *História da loucura* é uma história do que é o Outro para a razão, daquilo que questiona a racionalidade e sua centralidade na civilização moderna. O projeto de *As palavras e as coisas* pode ser entendido como um complemento ou uma amplificação da discussão: no livro de 1966 o que se pretende abarcar é o terreno e a possibilidade de localizar

esta mesma racionalidade do ponto de vista de sua estrutura intrínseca, de suas formas recorrentes, de sua mesmidade. É como se Nietzsche e sua poderosa suspeita acerca do ônus civilizatório para a saúde da espécie humana encontrassem o método de observação distanciada de uma racionalidade alheia adotado por Lévi-Strauss em seus trabalhos de cunho mais diretamente estruturalista.

Essa atitude crítico-civilizatória do Foucault dos anos cinquenta e sessenta foi abandonada pelo autor ao longo dos anos. A intensificação da militância política de Foucault o levou a buscar esquemas perceptivos mais capazes de responder aos desafios da contemporaneidade. Pouco a pouco a crítica civilizatória cederá lugar a um interesse reiterado pelo presente – e pela tentativa de formular diagnósticos, perceber perigos e suscitar possibilidades de engajamento e espaços de liberdade. A obra tardia de Foucault se definirá sempre em proximidade à noção de “ontologia crítica do presente”, modo pomposo de apresentar uma questão singela: quem somos, o que somos nós nos dias de hoje? O enfoque civilizatório parecerá assim cada vez mais pretensioso, grandiloquente e vazio a Foucault, que se tornará um pensador de questões e âmbitos investigativos cada vez mais precisos e específicos. Mas até que ponto terá ido este afastamento? O fato é que *As palavras e as coisas* permanecem como a última grande obra de uma verdadeira tradição filosófica que remonta a Nietzsche, Marx, Spencer e Heidegger, entre outros, autores que propõem um olhar abrangente e formulam teses de amplo alcance acerca do sentido do processo civilizatório, favorecendo para seus leitores a reflexão sobre o sentido desse processo.

O presente dossiê da Revista de Filosofia da PUC Minas, *Sapere aude*, coloca em discussão a intrigante reflexão desse grande pensador, Michel Foucault, mediante a participação de pesquisadores de todo o Brasil e do exterior. Além dos trabalhos dedicados ao pensador com os artigos do dossiê, vários outros contemplam assuntos diversos na sessão *Temática livre*, em especial, chama-se a atenção para o brilhante texto do prof. Paul Gilbert (Gregoriana, de Roma), *Scienza, fenomenologia e riduzione*, que revigora a problemática sobre o tema da fenomenologia e estabelece certo liame entre o dossiê *Michel Foucault* e o anterior, *Fenomenologia e filosofias da existência*. Contamos ainda com a publicação de várias *comunicações e resenhas*.

Desejamos a todos excelente leitura!

Guaracy Bolivar Araújo Mendes Júnior

João Carlos Lino Gomes